

# Aula de Português e Flexibilidade Curricular

29\_SET 2018  
AGRUPAMENTO DE ESCOLAS  
FRANCISCO ARRUDA  
LISBOA

**IV JORNADAS  
PEDAGÓGICAS  
DA APP**

2.ª EDIÇÃO

Ação de formação de curta duração

# Programa

---

- 9h00 - Receção  
9h15 - Abertura  
9h30 - Antonieta Lima Ferreira (Adjunta do Senhor Secretário de Estado da Educação):  
*E se começássemos pela avaliação?*  
10h15 - Debate  
10h30 - Intervalo  
11h00 - Paula Cristina Ferreira (Instituto Politécnico de Leiria) e Laura Guimarães (Agrupamento de Escolas de Paredes):  
*Painel «Flexibilidade curricular na aula de Português: experiências e reflexões»*  
12h00 - João Leite (Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto):  
*Aprendizagem: a dos 5 sentidos*  
12h45 - Almoço  
14h30 - Regina Duarte (Camões I. P.):  
*Ensinar literatura ou ler literatura? Uma aula possível*  
15h15 - Paula Ferreiro (Agrupamento de Escolas Lapiás) e Iva Pereira (Escola Salesiana de Manique):  
*Painel: «Práticas interdisciplinares: da Biblioteca escolar à Noite da Poesia»*  
16h15 - Intervalo  
16h30 - Paulo M. Faria (Instituto de Educação, Universidade do Minho):  
*Dos livros às leituras e outras paisagens*  
17h15 - Encerramento

---

Organização: APP

Apoios: Ministério da Educação; Agrupamento de Escolas Francisco Arruda;  
Delta Cafés.



## Resumo

Avaliar é recolher informação, discernir características, descrevê-las, fazer juízos, tomar decisões. A informação que em cada momento se quer recolher, as características que se pretendem discriminar, o que se quer descrever, o(s) objeto(s) dos nossos juízos, aquilo que sustenta as nossas decisões, não são sempre a mesma coisa. Melhor: muitas vezes são coisas muito distintas. Assim é, porque distinto é o que nos compõe quando aprendemos coisas várias: que nos acontecem ao longo de uma taxonomia — do reproduzir ao criar —, que nos acontecem em vários suportes — do traço no papel ao gesto do discurso —, e em vários modos — em sincronia ou em diferido.

Se umas vezes queremos recolher informação sobre o que alguém consegue escrever acerca de um tema, dando-lhe formato de texto argumentativo, convocando pausada e solitariamente a arte de bem argumentar e pondo-a ao serviço de um leitor que se deixará conduzir pelos parágrafos de um texto, outras ocasiões existem em que o que de facto queremos fotografar é a capacidade de alguém interagir em tempo real, expondo, e mesmo encenando, o que pensa, sabendo contrapor perante o inesperado argumento do outro.

Se assim é, então as técnicas que aqui e ali usamos não poderão ser iguais. Terão necessariamente de ser as mais adequadas à especificidade do que queremos observar, à singularidade do que queremos avaliar. Nada de novo até aqui. Nova também não é a declaração de Domingos Fernandes sobre o necessário alinhamento das tarefas de aprendizagem com as da avaliação.

Isto é tão óbvio quanto: Se te ensinam A, avaliam-te em A, não em B ou em C.

A que acrescentaríamos:

Se te querem avaliar em A, então é bom que encontrem boas formas de captar o que sabes em A, e não noutra coisa qualquer...

Numa comunidade que se une em volta da aprendizagem, se bem avaliar tem impacto sobre bem ensinar e bem aprender só parece fazer sentido que avaliar tenha como objetivo primeiro ensinar e aprender mais e

melhor. Na escola promotora de mais e melhores aprendizagens para todos, pode fazer sentido o exercício que se propõe: começar pela avaliação – saber bem, à partida, o que se quer, que desempenho se projeta para o aluno, que comportamento se vai observar, como vai ser observado, como o vamos captar. E se começássemos pela avaliação?

### **Nota biográfica**

Licenciada em Línguas e Literaturas Modernas – Universidade de Lisboa, mestre em Avaliação, no Instituto da Educação (U Lisboa). Foi Diretora de Serviços de Exames, no Gabinete de Avaliação Educacional (Ministério da Educação) e Assessora técnico-científica do Conselho Nacional de Educação. É professora de Português no Ensino Básico e Secundário, formadora em avaliação das aprendizagens. Atualmente é adjunta do Gabinete do Secretário de Estado da Educação, no Ministério da Educação. Coautora de várias publicações na área da avaliação, nomeadamente: Neves, A. e Ferreira, L. A. (2015). *Avaliar é Preciso? Guia prático de avaliação para professores e formadores*. Lisboa: Guerra e Paz, Editores, SA

### **Painel «Flexibilidade curricular na aula de Português: experiências e reflexões»**

Paula Cristina Ferreira e Laura Guimarães

---

### ***O Cavaleiro da Dinamarca e Mestre Finezas* – abordagens flexíveis**

Paula Cristina Ferreira

### **Resumo**

O paradigma da Autonomia e Flexibilidade Curricular (AFC) surgiu sob a forma de projeto em 236 escolas (públicas e privadas), visando a mudança urgente no sistema educativo.

Neste contexto, as escolas, de organização curricular multidisciplinar, necessitam de ajustar a sua atuação a uma dimensão inter e transdisciplinar para que a articulação entre saberes se efetive e não se espartilhe como até aqui.

Neste sentido, através dos Domínios de Autonomia Curricular (DAC),

o professor de Português, à semelhança dos outros, deve ponderar, reformular a sua prática pedagógica, diversificando as suas estratégias para chegar aos diferentes estilos de aprendizagem dos alunos pois apesar de assistirmos a uma massificação do ensino é premente a diferenciação pedagógica.

Apresentamos dois exemplos/sugestões de percursos interdisciplinares.

A leitura integral da obra *Cavaleiro da Dinamarca* permite uma exploração em parceria com as disciplinas de Português, Geografia, História, Educação Visual, Matemática e Educação Moral Religiosa e outras Confissões, culminando com a elaboração de um Roteiro Turístico.

A abordagem interdisciplinar ao conto Mestre Finezas possibilita a articulação de saberes entre Português, Educação Visual e Cidadania e Desenvolvimento, visando uma pequena exposição.

Efetivamente o paradigma escolar que agora surge solicita aos professores uma atitude proactiva perante os Programas e Metas Curriculares, liberta-os das instruções uniformizadas dos manuais, permite-lhes percursos pedagógicos criativos, dinâmicos e captadores da atenção e interesse das turmas.

A AFC, se é certo que exige trabalho colaborativo entre todos os intervenientes educativos também combate o isolamento da profissão docente, rentabilizando tempo, mobilizando parcerias, incrementando competências sociais várias exigidas cada vez mais na Praxis Social.

### **Nota biográfica**

Professora Adjunta Convidada na Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria.

Doutoramento em Ciências da Linguagem, especialização em Linguística Aplicada pela UTAD.

Mestre em Linguística Aplicada pela FLUL/IPL.

Pós-graduação em Dificuldades de Aprendizagem Específicas/Dislexia pela ESEPF.

Licenciada em Ensino de Português e Francês – 3.º Ciclo e Ensino Secundário pela UE.

Membro da Dislex – Associação Portuguesa de Dislexia

Formadora nas áreas: ciências da linguagem, didática do português e dislexia.

Oradora em várias conferências, encontros nacionais e internacionais  
Professora de Português do 3.º CEB e Ensino Secundário de 1992 a  
2018

Professora da ESECS- IPleiria de 2007 à atualidade

## **Flexibilidade curricular na aula de Português: experiências e reflexões»**

Laura Guimarães

### **Resumo**

A motivação dos alunos na aprendizagem de processos exigentes como a leitura e a escrita requer uma atitude de persistência, de confronto com resistências e de resolução constante de problemas. No contexto do Projeto de Autonomia e Flexibilidade Curricular, reconhece-se que o trabalho docente deve investir em modos de ação motivadores e estrategicamente orientados para garantir que todos alunos realizem as aprendizagens esperadas. Na escola, multiplicam-se as referências a “projetos de trabalho”, constituindo uma alternativa a práticas pedagógicas mais rotineiras, permitindo quer a mobilização de saberes disciplinares em situações de aprendizagem significativas quer o desenvolvimento de competências de caráter mais transversal.

Na aprendizagem da leitura e da escrita, os modos de ação estratégica ultrapassam o âmbito disciplinar para constituírem um escopo mais amplo, que associa toda a comunidade escolar, incluindo o meio envolvente. A escola define uma estratégia em cuja concretização intervêm individual ou coletivamente todos os agentes do processo de ensino e aprendizagem. Nesta comunicação, será apresentada uma das estratégias adotadas no Agrupamento de Escolas de Paredes, que consiste em editar uma publicação anual como forma de integrar os alunos em dinâmicas de escrita coletiva, num circuito de comunicação autêntico dirigida a um público-leitor alargado.

### **Nota biográfica**

Laura Guimarães é licenciada em Línguas e Literaturas Modernas pela Universidade do Porto. Professora de Português e Inglês no 2.º ciclo do Ensino Básico há 33 anos, participou na implementação do Programa de

Português, em 2009. Integrou o grupo IELP, Investigação e Ensino em Língua Portuguesa. Desenvolve ações de formação em didática do Português no Centro de Formação de Escolas de Paredes, Penafiel e Paços de Ferreira e é formadora do IAVE.

Coautora de auxiliares didáticos e manuais de Português, nomeadamente: Moutinho, G, Ferreira, I, e Guimarães L, (2013). *Preparar os Testes 5, Preparar os Testes 6*. Porto, Areal Editores; Neto, C, Brochado, O, Amaral, R, Nunes, S e Guimarães, L. (2012, 2013, 2014). *Conto Contigo 7, Conto Contigo 8, Conto Contigo 9*. Porto, Areal Editores.

Atualmente, coordena o Projeto de Autonomia e Flexibilidade Curricular no Agrupamento de Escolas de Paredes, onde trabalha.

## **Aprendizagem: a dos 5 sentidos**

João Leite

---

### **Resumo**

Se há tanta gente a ensinar tão bem..., como é possível haver quem não aprenda?

Ou será que ensinar e aprender não são a mesma coisa?

E o que se passa, tantas vezes..., que quanto mais ensinamos..., menos as pessoas aprendem?

E, se formos apurar o sujeito de cada um dos movimentos, do ensinar e do aprender..., chegaremos ao mesmo nome?

O que nos diz a investigação sobre o ensinar e o aprender ?

Que fatores estão em jogo e que abordagens reclamam ?

Se A\_\_\_PRENDER é ligar, o novo ao que já sabemos, não seria interessante apostar em práticas que fizessem do processo uma caminhada e não a descrição e explicação do caminho ? E, se aprender é caminhar, não serão os aprendentes que deverão caminhar?

Nesta apresentação vamos experienciar um processo vivido de APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA. A que envolve os aprendentes através da mobilização das 5 chaves essenciais.

Para tal, vamos fazer uma sessão de aprendizagem ao vivo (5 minutos) com a participação de voluntários de entre os participantes no encontro e, depois, analisar o processo no sentido de enumerar e destacar os fatores de aprendizagem.

A significativa. A que dispensa a memória.

Aproveitando a presença e, sobretudo, participação da plateia, pretende-se atingir as seguintes metas:

- i. distinguir e caracterizar o modelo triangular das intervenções formativas;
- ii. identificar os fatores de aprendizagem;
- iii. caracterizar os dois vetores que potenciam a caminhada (da aprendizagem);

Há três condições para que a apresentação seja eficaz e gratificante para os dois lados:

aposta nas interrupções

- - são a explicitação de um capital de investimento que não se pode desprezar
- aposta na interação
- - a aprendizagem atinge o auge da sua expressão nos contextos interativos
- aposta nas trocas de experiências
- - sempre a diversidade foi condição e um meio extremamente favorável à superação da qualidade

### **Nota biográfica**

Psicólogo.

Às vezes !

Desempregado por opção.

Só trabalha !

Trabalha em colaboração com várias entidades.

Continente e ilhas, dentro e fora do país.

Não prescinde de três janelas na vida:

- o desporto;
- a música;
- a leitura.

Gosta de desporto e pratica de forma regular e disciplinada.

Não gosta da designação “ desportista “.

Por ser PORTISTA !

O mesmo se passa com a música e a leitura.  
Não se permite gostar, do que quer que seja, sem fazer.  
Por isso toca alguns instrumentos e escreve uns textos.  
E delicia-se com isso.

Fascinado pela APRENDIZAGEM !  
Como prática de conexão ou ligação. E como missão de vida !

Avesso a títulos e distinções automáticas.  
Especialmente quando lhe chamam “ senhor “.  
É que é preciso muito... para se ser um SENHOR!

Cioso de princípios e alinhado com valores.  
Os que adotou para si:

- ser livre;
- ser autónomo;
- ser diferente.

Não faz... sem entusiasmo. O que quer que seja !  
Para fazer precisa do brilho nos olhos. Como para andar...o sapato do pé!

Faz tudo para ser de confiança.  
Implacável nos compromissos!

Como não vão esperar por ele, em circunstância alguma, costuma usar uma frase em inglês que liga o apelido à condição que tanto preza:

- “ I’m not sorry to be... LEITE “

## Resumo

Ao pensar numa aula de leitura, começaremos pelo que se espera da escola enquanto local privilegiado de ensino da literatura. Qual é o mandato oficialmente atribuído à escola para o ensino da leitura literária? Como se compara este mandato com a realidade de outros países do mundo?

Passaremos depois às representações dos professores e dos alunos sobre a leitura: o que sabemos acerca de nós e dos nossos alunos como leitores? Como recolhemos e tratamos esta informação? Como são os nossos leitores quando comparados com outros de outros países? E, sobretudo, como compatibilizar, em sala de aula, perfis distintos de leitores, exigências (e inconsistências) curriculares e exames finais?

Uma vez caracterizado o nosso público alvo, olhamos para os livros, assumindo que há um livro certo para cada leitor (Witte, Rijlaarsdam & Schram 2012). Há também livros que precisam da orientação do professor e de pistas de leitura adequadas para se tornarem compreensíveis e dialogarem connosco. Como distinguimos estes livros? E como encontramos as pistas de leitura que nos facultam o acesso aos diferentes sentidos do livro?

Discutiremos propostas possíveis para sala de aula, sabendo que a leitura é uma atividade social (Guthrie & Klauda, 2013) e, terminaremos, no fim da aula, com recomendações de leitura por prazer: como as podemos organizar? Como garantimos que este não é um tempo deixado ao acaso?

Conscientes que estas são as exigências que se colocam, diariamente, às nossas aulas de leitura de literatura, tentaremos encontrar soluções possíveis que tenham sempre presentes a responsabilidade da literatura na formação pessoal, humanística, dos nossos alunos.

## Nota biográfica

Regina dos Santos Duarte é licenciada em Línguas e Literaturas Modernas, pela Universidade Nova de Lisboa. É doutorada em Literacias e Ensino do Português, pela Universidade do Minho, onde defendeu a sua tese sobre ensino da literatura na educação básica e secundária, em 2013.

De 2002 a 2009, trabalhou no Departamento do Ensino Secundário,

do Ministério da Educação. Liderou a equipa de Português, âmbito em que desenvolveu várias linhas de ação para a formação de professores, orientou estudos de investigação-ação e publicações didáticas, no âmbito do plano estratégico para o ensino do Português.

Coordenou e é coautora de vários estudos sobre ensino da língua e de orientações didáticas. Foi delegada de Portugal no Conselho da Europa, no grupo de Políticas Linguísticas.

Desde 2010 que é investigadora do grupo europeu European Literary Framework for Students of Secondary Education.

É Coordenadora do Ensino Português no Reino Unido, do Camões, I.P., desde 2011, e Adida para a Educação na Embaixada de Portugal.

Lidera o grupo que propôs ao Departamento da Educação inglês um projeto para a primeira escola bilingue anglo-portuguesa no Reino Unido.

### **Painel: Práticas interdisciplinares: da Biblioteca escolar à Noite da poesia**

Paula Ferreiro e Iva Pereira

---

#### **Resumo**

**Iva Pereira** apresenta um projeto do Departamento de Português dos Salesianos de Manique – Escola – “Noite da Poesia”: porquê trabalhar poesia? O que é a “Noite da Poesia”? A “Noite da Poesia” no contexto das Aprendizagens Essenciais para o Português e do Perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória.

**Paula Cristina Ferreiro** apresenta a atividade Transversalidade Cultural da responsabilidade da Biblioteca Rui Grácio, em parceria com diferentes disciplinas. Os documentos Aprendizagens Essenciais do Ensino Básico e Estratégia Nacional de Educação para a Cidadania, assim como o projeto de Autonomia e Flexibilidade Curricular estiveram na base do trabalho desenvolvido, de forma a promover o currículo das disciplinas e as Literacias da leitura, da informação e dos média.

#### **Nota biográfica**

**Paula Cristina Ferreiro** é licenciada em Línguas e Literaturas Modernas, Variante de Estudos Portugueses e Ingleses, pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. É professora na Escola Básica 2, 3 Dr. Rui Grácio, Montelavar, onde leciona a disciplina de Português ao 3º ciclo.

Exerce, também, desde há dois anos, as funções de professora bibliotecária. Já lecionou as disciplinas de Português e Inglês no Ensino Secundário. Durante quatro anos, foi professora de Teatro.

**Iva Pereira** é licenciada em Línguas e Literaturas Modernas e em Ensino de Línguas e Literaturas Modernas, variante de estudos portugueses e estudos franceses pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. É professora de Português nos Salesianos de Manique desde 2003, tendo trabalhado com 2.º, 3.º ciclo e Ensino Secundário. Dinamiza o projeto “Noite da Poesia” desde 2006.

### **Dos livros às leituras e outras paisagens**

Paulo M. Faria

---

#### **Resumo**

Discutir a importância da leitura nos dias de hoje é uma questão que ultrapassa o saber ler enquanto domínio instrumental da língua. Nesse sentido, aprender e ensinar a ler, atualmente, deverá passar pelo desenvolvimento de multiliteracias, enquanto competências de processamento de multimodal.

Propõe-se, na primeira parte, apresentar algumas das tendências mais representativas no campo da leitura, especificamente as que estão relacionadas com meios e recursos digitais; na segunda, serão partilhadas ações que decorreram no âmbito do desenvolvimento de dois projetos desenhados numa perspetiva interdisciplinar em articulação com a Biblioteca Escolar. Distinguidos e premiados pela Fundação Calouste Gulbenkian e pela Fundação Montepio, partilhar-se-ão aspetos da sua implementação e das respetivas ações desenvolvidas com professores e alunos.

#### **Nota biográfica**

Doutor em ciências da educação, especialidade tecnologia educativa, pela Universidade do Minho, onde desenvolveu a sua investigação e lecionou na área da formação inicial de professores. Realizou o mestrado na área da literatura portuguesa na mesma universidade. Foi professor de Latim e Português. Atualmente, desempenha funções como Coordenador Interconcelhio da RBE e é docente convidado no ensino superior.

Tem em curso o Pós-doutoramento no domínio da leitura digital e participa em eventos científicos em Portugal e no estrangeiro, tendo comunicado e publicado em revistas especializadas.